



Quatro poemas crepusculares

Alexandre Brito*

Mário de Sá-Carneiro tinha 25, Van Gogh, 37.

Jack London aos 39. Anne Sexton aos 43.

Santos-Dumont chegou a 59 invernos. Hemingway a 60 verões.

Virginia Woolf viveu 58 anos. Sylvia Plath apenas 30.

Florbela esperou o dia do aniversário para morrer.

Gilles saltou de um prédio. Maiakovski deu um tiro no peito.

Iesiênin cortou os pulsos e Mishima ceifou o ventre.

Assis Valente, depois de escrever um bilhete a Ary Barroso. E um verso:

"Vou parar de escrever, pois estou chorando de saudade de todos e de tudo."

dezoito horas e quarenta minutos
de uma tarde infernal de verão

assombrada
minha sombra enlouquece

estica-se à deformidade
alcança a fachada das casas distantes
agarra o horizonte

esforço inútil

a penumbra não tarda
a noite engolirá a ambos

seremos uma só escuridão



O TAIFEIRO

sob a lâmina das águas
dorme a carcaça do jovem taifeiro

nunca mais as fragatas
nunca mais os prostíbulo
as nódoas da manhã inquieta nunca mais

crispam-se as ondas
dançam as algas gritam os peixes
imperturbável o sono das profundezas

cai o sol
cai a noite sobre o cais
nunca mais o dia nunca mais nunca mais

dorme o jovem taifeiro em seu leito de areia
sob os lençóis negros de um oceano decepado

O JOGO DAS MIL IMPERFEIÇÕES

o jogo começa sem regras.
um feixe de luz ruga adentro trespassa a pele de um segundo.
um silêncio depois, o silêncio árido. o interstício.
um não-lugar um não sei onde, onde nada ou quase nada desacontece.

o tempo sinuoso tem o passo lento dos camelos.
não faz evocações a deus algum.
ainda que o criador seja designado em árabe
por quatrocentos e noventa e nove nomes diferentes,
não faz diferença. ninguém é escutado nunca.

amigo dos corvos o espaço é um ser imberbe.
um passeio no deserto nunca é um passeio no deserto.
a sede não cessa com a morte. nem a morte com a salvação.
Bérberes, Beduínos, Tuaregues, bem o sabem, pois as
tempestades de areia não apagam o que com areia se escreve.

mil e uma noites de repouso numa tenda sob o céu à beira do Tigre,



quarenta banhos batismais à luz do dia nas águas do Jordão, não recompõem
o descrente fatigado. um espelho que não reflete não é um espelho.
quando ninguém sabe dizer com quantos corpos se faz um sementério,
o mundo vertical vem abaixo. sangra em transe a noite possível.

alguém com pouco passado não tem o que dizer.
um poeta demora. ao contrário do profeta sabe a verdade provisória.
nasce sem saber. morre sem saber. e como quem nada sabe
esconde-se atrás das palavras. não para que o encontrem,
mas às palavras.

tamareiras ensombram o caminho a Bagdá.
o vento milenar sopra sobre a cidade três vezes santa.
dois meninos, órfãos, de etnias distintas,
dois olhos de um mesmo rosto sob o sol
estudam álgebra entre formigas e abelhas.

um sonho encravado na carne é o mundo.

* **Alexandre Brito** é graduado em Filosofia pela Universidade Federal de Santa Catarina. Poeta, músico, letrista, editor e produtor cultural.